

RAYMOND WILLIAMS
E EDUCAÇÃO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELEI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO

RAYMOND WILLIAMS
E EDUCAÇÃO

EDITORIA
UNICAMP

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
BIBLIOTECÁRIA: GARDÊNIA GARCIA BENOSSI – CRB-8ª / 8644

P167r Paixão, Alexandro Henrique, 1978-
Raymond Williams e Educação / Alexandro Henrique Paixão –
Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2025.

1. Williams, Raymond, 1921-1988. 2. Educação. 3. Educação de adultos. 4. Democracia e educação. 5. Sobrevivência.
I. Título.

CDD – 370
– 374
– 370.115
– 155.9

ISBN: 978-85-268-1797-5

Copyright © Alexandro Henrique Paixão
Copyright © 2025 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Para Anderson e Capitu

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp), aos docentes, aos discentes e aos funcionários técnico-administrativos, e à Editora da Unicamp pela publicação.

Agradeço aos amigos e colegas do projeto *É preciso falar sobre as ausentes: mulheres cronistas do jornal O Paiz*, especialmente à Ana Claudia Suriani da Silva e à Tania de Luca; do projeto *Sobreviventes*, sobretudo à Ana Archangelo; do programa Capes/Cofecub, em particular à Neri e à Liliana; aos colegas do Decise e das linhas de pesquisa Educação e História Cultural e Educação e Ciências Sociais.

Agradeço à Fapesp, ao CNPq, ao programa Capes/Cofecub, ao Faepex e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FE pelo fomento durante as pesquisas.

Agradeço, principalmente, à arquivista Katrina Legg, do Richard Burton Archives, da Swansea University, no Reino Unido.

Agradeço a todos que me ajudaram a produzir este livro, originalmente uma tese de livre-docência defendida no Departamento de Ciências Sociais na Educação da Unicamp, para a disciplina Sociologia Geral, na área Pensamento Social e Educação. Aproveito para agradecer aos membros da banca de livre-docência,

realizada em novembro de 2023, por todas as críticas e sugestões que ajudaram a compor este agora livro.

Agradeço a meus orientandos, todos que participam do Laboratório de Estudos de Cultura, História, Educação, Sociologia e Psicanálise (Lechesp) e, em especial, ao Hiago Vaccaro Malandrin, que me ajudou com as formatações finais do livro, e à Camila Freitas pela revisão. Muitas outras pessoas, estudantes, pesquisadores e familiares, aqueles que fazem parte de minha vida pessoal e profissional, dentro e fora da universidade, como meus analisandos, colaboraram direta e indiretamente para a feitura deste trabalho. A vocês, meu sincero obrigado.

Agradeço à Maria Elisa Cevasco pelo prefácio e pelos estímulos e aprendizados desde os primeiros anos uspianos até agora dentro do grupo de professores interessados nas pesquisas sobre Williams, assim como a esses docentes, que têm me ajudado a realizar o Colóquio Raymond Williams na Unicamp, muito obrigado. Meus agradecimentos ao André Botelho pelo cuidadoso texto que acompanha a capa e por todas as trocas e experiências acadêmicas compartilhadas, inclusive aquelas que ajudaram a tecer este trabalho.

Agradeço à Mirian Malziner.

Muito obrigado à Dea, à Sil, à Paz, à Glau e à Lá, amigas e parceiras queridas na aventura complexa, séria e densa da Psicanálise.

Às queridas amigas Isabel Loureiro e Mari Chaguri, sempre presentes!

Por fim, meu agradecimento especial ao Dê e à Capitu por todos os momentos, incluindo este livro!

“O que a gente quer dizer quando fala sobrevivente?
Talvez um sobrevivente seja o último a chegar em casa...”
Ocean Vuong, *Sobre a terra somos belos por um instante*
(2021)

SUMÁRIO

Prefácio, por Maria Elisa Cevalco	13
Introdução	21
Bibliografia de Raymond Williams na educação de adultos	31
Williams e método de ensino	35
Estrutura de sobrevivência	40
Estado de luto	52
1. Educação democrática	67
Educação majoritariamente democrática	72
Educação de adultos	75
Reações	86
Desafios e dilemas	90
2. “Três anos difíceis”	93
Um jovem socialista	101
Paradoxo do sobrevivente	106
3. Política e Educação	111
Williams e o Partido Trabalhista	121
Posições políticas sobre o sistema de ensino britânico	135
Considerações finais	143
Referências	149

PREFÁCIO

Maria Elisa Cevalco

Graças também ao trabalho de Alexandro Henrique Paixão, a obra do grande pensador da Nova Esquerda britânica, o galês Raymond Williams, ocupa, nesta segunda década do século XXI, um espaço cada vez maior no debate intelectual brasileiro. Alexandro publica, orienta e dirige pesquisas sobre o autor na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desde 2014, no Laboratório de Estudos de Cultura, História, Educação, Sociologia e Psicanálise (Lechesp).

Em sua produção, merecem destaque o *e-book* de 2019 que apresenta, pela primeira vez, alguns escritos de Educação, incluindo o método de “discussão” de Williams, e o livro em diálogo com Paulo Freire, que organizou em 2021 com o apoio de outras colegas da Faculdade de Educação da Unicamp. Temos os auxílios à pesquisa Fapesp, dossiês, artigos, eventos, como o I Colóquio Raymond Williams, reunindo diferentes professores-pesquisadores brasileiros e estrangeiros na Unicamp para pensar Williams no século XXI. Sobre as disciplinas ministradas e concentradas em debater o autor galês, para além da Unicamp, temos o curso de pós-graduação oferecido na Universidad Nacional de La Plata, dedicado a estudar Raymond Williams e Antonio Candido, dois críticos anticapitalistas e humanizadores. Por fim, foram muitos estudantes de graduação e pós-graduação, em sua maioria bolsistas, que se formaram sob a

orientação e o ensino de Alexandro, enquanto investigava Raymond Williams e realizava a pesquisa, o ensino e a extensão na Unicamp. Graças a esse itinerário, Alexandro apresentou sua tese de livre-docência em novembro de 2023, transformada agora em livro.

Raymond Williams e Educação é, assim, um ponto de chegada de um longo caminho pela extensa produção de Williams. Isso nos impõe uma questão: qual a contribuição específica deste volume para os estudos sobre esse autor central?

O que mais salta à vista é o assunto: há poucos estudos sobre uma faceta formadora do pensamento e da prática de Williams, a educação para adultos. Alexandro mostra que, muito mais do que um emprego, a atividade de Williams na Workers' Educational Association (WEA), que, ligada à Universidade de Oxford, tinha como objetivo educar adultos da classe trabalhadora, é o motor propulsor da originalidade de sua teoria inovadora e de sua prática política, dois lados da mesma moeda para um pensador descrito por Cornel West como “o último dos grandes intelectuais socialistas revolucionários nascidos antes do fim da Idade da Europa”.¹ Williams foi professor, ou tutor, para usar a expressão inglesa, nessa instituição entre 1946 e 1961.

A escolha do campo dessa ação política é uma imposição do tempo histórico. De volta a seus estudos em Cambridge, após lutar na Segunda Guerra Mundial, Williams se deu conta, segundo nos relata no prefácio de *Keywords*, de que o sentido de certas palavras, em especial a palavra “cultura”, parecia conter, em seus significados cambiantes, evidências de um processo central para a vida social, no qual “significados se propõem, se buscam, se submetem à prova, se confirmam, se afirmam, se qualificam e se modificam”,² moldando os significados e valores que estruturam a vida social.

¹ West, 1992, p. 6.

² Williams, 1988, p. 28.

Fica claro para o jovem Williams que é preciso disputar esses novos significados e os arrebatá-los para o campo progressista. Para usar uma formulação de seu colega de WEA, o grande historiador da Nova Esquerda E. P. Thompson, a questão é demonstrar que a cultura é todo um modo de luta.

Claro que uma das grandes frentes de batalha nessa luta é a educação, e, em especial, a educação de adultos. É lá que Williams vai ensinar e aprender como intervir, como atuar de forma produtiva nesse laço social formativo que é a educação. Só por abordar essa vivência de Williams este livro já valeria a pena. Mas tem mais: ele nos dá acesso a material de arquivo inédito entre nós – Alexandro fez pesquisa no Richard Burton Archives, na Universidade de Swansea, que guarda os papéis de Williams, incluindo planos de aula, de curso, cartas e cópias de artigos. Quatro deles são discutidos a fundo no livro, propiciando ao leitor uma entrada crítica na nova pedagogia proposta por nosso autor.

Um diferencial deste trabalho é que Alexandro pensa Williams a partir de Williams: a exposição do argumento se desenrola lançando mão dos recursos teóricos postos em circulação pelo crítico. O mais evidente é o das palavras-chave, invenção categorial central na produção do autor, que ele sistematizou em *Keywords*, livro publicado em 1976. Em suas palavras, “o registro de uma investigação a respeito do vocabulário compartilhado que usamos para discutir nossa vida em comum”.³ Em ordem alfabética, são apresentados aí os diferentes significados, ao longo da história, das palavras que se impõem quando falamos de cultura e de sociedade, ou seja, de nosso modo de organizar, entender e comunicar a experiência do vivido. A investigação das mudanças de sentido dá conta de que os significados sempre são infletidos por diferentes interesses. Mais do que meras descrições, as palavras e os conceitos

³ *Idem*, p. 15.

que veiculam são partes constituintes das práticas, dos modos de dizer e das ideias que organizam nosso modo de pensar. É preciso ter em conta que a maneira como os sentidos mudam, as diferenças de acepções contraditórias do mesmo termo, são marcas de conflitos e lutas práticas do passado e do presente. Uma análise cultural que ignore essa realidade dos instrumentos que utiliza, os quais formam e informam seus achados, é inadequada.

Alexandro historia o aparecimento do interesse de Williams por palavras-chave, apresentando um programa de curso para a WEA significativamente intitulado “Cultura e Sociedade”, encontrado nos arquivos de Swansea. Vale lembrar que essas duas palavras-chave são o título de um livro fundante do pensamento de Williams, e enfeixam o ponto central de sua teoria materialista, que é pensar cultura e sociedade como imbricadas, duas manifestações de um mesmo modo de vida. Seguindo os ensinamentos de seu objeto de estudos, Alexandro usa o recurso de palavras-chave como maneira de organizar sua exposição. Quero destacar três dessas palavras: estrutura de sobrevivência, exílio/exilado e educação democrática.

Emprestando de um romance de Valter Hugo Mãe, Alexandro usa o termo “estrutura de sobrevivência” para descrever a atuação pessoal de Williams no interior de um contexto social específico que a demanda e a determina. Ele nos lembra de que esse termo é uma adaptação de “estrutura de sentimento”, que Williams criou para dar conta de um problema teórico central para uma teoria marxista sobre a cultura. Como se sabe, um dos problemas fundantes dessa teoria é descrever como a base material – a esfera da produção e reprodução da vida – determina a superestrutura, a esfera da produção simbólica. Os modos dessa determinação são objeto de estudo de vários críticos, que tentam refinar um modelo que dê conta de escapar do mecanicismo que ronda a formulação. Williams propõe que se pense a questão em termos de uma estrutura de sentimento. Estrutura indica que a

produção simbólica se dá dentro dos limites impostos e das pressões exercidas pela esfera da produção, e sentimento aponta o tom marcante da produção de sentidos em determinado tempo histórico, seja pela produção artística, seja pela educação ou pelas formas de comunicação. Trata-se de descrever a intersecção entre o modo de produção material e o simbólico, entre o histórico e o pessoal.

Sobrevivente da Segunda Guerra Mundial e de um processo educacional excludente – ele só conseguiu cursar a Universidade de Cambridge por ter ganho uma bolsa de estudos –, Williams responde às demandas de seu momento histórico dedicando-se a resgatar os que ficaram de fora do processo educacional por meio das aulas para adultos. Ele era sobrevivente em ainda outros sentidos: oriundo da classe trabalhadora, venceu as barreiras de uma sociedade de classes e se tornou um intelectual cujo trabalho e exemplo disponibilizam as armas teóricas e educacionais para que outros tenham acesso a um saber que leve à criação de uma cultura comum, objetivo que Williams coloca como o central de sua militância teórica e pedagógica. Essa cultura em comum seria o alicerce para construir uma sociedade igualitária. Vale lembrar que cultura, para nosso autor, não se refere apenas às realizações das artes e do trabalho intelectual, mas também à maneira que determinada sociedade organiza e comunica significados e valores. É assim que a produção cultural funciona como elemento propulsor de uma vida democrática. Enquanto não alcançamos essa vida democrática, é preciso batalhar com as armas da crítica e da educação para sobreviver.

No interior da discussão da estrutura de sobrevivência, Alexandro coloca mais uma palavra-chave, importante para explicar a prática e a teoria sobre Educação em Williams: exílio. Proveniente do País de Gales, o autor era um exilado na Inglaterra. Aveso aos dogmas do Partido Comunista, era um exilado na esquerda inglesa do pós-guerra, apenas para se tornar membro fundante da Nova

Esquerda britânica. Dissidente das formas de estudar literatura em Cambridge, onde F. R. Leavis dava continuidade à tradição idealista da crítica literária e continuava ensinando que o objetivo do ensino de literatura era passar o “melhor que foi dito e pensado pela humanidade” para uma minoria de iluminados que, depois, propagariam as obras consideradas canônicas e preservariam a herança da tradição cultural, Williams fundou uma nova disciplina, os Estudos Culturais, que se propunham a entender os projetos artísticos e intelectuais como concretização dos valores e significados de certa sociedade, com o objetivo de conhecer o mundo retratado para mudá-lo. Professor de adultos, afasta-se dos métodos de ensinar e introduz uma prática pedagógica, parte fundamental de sua estatura como pensador. O exílio é uma condição de possibilidade para construir uma obra que o posiciona no centro da “mais viva república das letras do socialismo europeu”,⁴ como descreve Perry Anderson ao falar das realizações da Nova Esquerda.

Entre essas realizações, destaca-se uma nova prática pedagógica, que Alexandro expõe mediante o exame de sua terceira palavra-chave: educação democrática. Williams tinha bem claro o papel fundamental da educação democrática em qualquer projeto de mudança social. De acordo com ele, para repetir uma citação usada neste livro, “se for para sermos realmente atentos e independentes, como devemos ser em uma democracia, temos que examinar criticamente o conteúdo e os métodos com que estamos acostumados assim como os que concluímos que não são adequados para pessoas como nós”⁵.

Alexandro mostra como Williams leva a cabo esse papel já em sua atuação na WEA. Ele muda os conteúdos a serem abordados para incluir materiais mais próximos dos alunos, como artigos de

⁴ Anderson, 1992, p. 197.

⁵ Williams, 1962, p. 27.

jornal, propagandas, filmes, revistas, *best-sellers*, programas de rádio, além de grandes obras da tradição literária burguesa, que era preciso retomar para, sempre ela, uma cultura em comum. Nos documentos pesquisados em Swansea, Alexandro encontra um artigo precioso que dá conta do método utilizado para abordar esses materiais. O método nos alerta para o fato de que não basta apenas expandir o currículo para abarcar novos materiais. A educação se faz democrática na maneira como esses materiais são abordados. Williams inverte a direção potencialmente autoritária da aula tradicional, na qual o professor fala e os alunos escutam. No método de discussão, como o chama nosso autor, o professor pede aos alunos que leiam um texto e que um deles o exponha para a classe. Juntos discutem o conteúdo e tentam chegar a uma interpretação comum sobre seu significado. Cabe ao professor facilitar a discussão e aclarar questões obscuras, mas o mando é sempre dos alunos. Assim se desenvolve uma consciência crítica independente. Esse método de discussão é a aplicação prática de uma teoria da educação democrática. Em um ensaio que Alexandro cita, que é, a meu ver, alicerce que sustenta o projeto intelectual de Williams, este diz:

Não deveríamos buscar propagar uma cultura pronta para a massa ignara. Devemos aceitar, com franqueza, que, se propagarmos nossa cultura, nós a estaremos modificando: parte do que oferecermos será rejeitada, outras serão objeto de crítica radical. E é assim que tem que ser, pois nossas artes, agora, não estão em condições de continuar incontestadas até a eternidade. Há muito trabalho de boa qualidade, há muito trabalho de má qualidade e trabalhos baseados em valores que não serão aceitos se postos à luz de toda a Inglaterra. Levar nossas artes a novos públicos é estar certo de que essas artes serão modificadas. A mim, por exemplo, isto não assusta. Eu não espero que os trabalhadores ingleses deem seu apoio a obras que, depois de uma preparação paciente e adequada, eles não consigam aceitar. O verdadeiro crescimento será lento e desigual, mas a provisão estatal,

francamente, deveria crescer nessa direção, em vez de ser um meio de desviar dinheiro público para a preservação de uma cultura fixa, fechada e parcial. Ao mesmo tempo, se entendemos o processo de desenvolvimento cultural, sabemos que este é feito de ofertas contínuas para uma aceitação comum; e que, portanto, não devemos tentar determinar de antemão o que deve ser oferecido, mas desobstruir os canais e permitir todos os tipos de oferta, tendo o cuidado de abrir bem o espaço para o que for difícil, dar tempo suficiente para o que for original, de modo que o que se tenha seja desenvolvimento real, e não apenas a confirmação ampliada de antigas regras.⁶

Isso foi escrito em 1958. Até nossos dias, poucos passos significativos foram dados nessa direção. Esperemos que o livro de Alexandro ajude a empurrar a discussão nesse sentido e, assim, transforme-se em um recurso para uma jornada de esperança. Termina com um truísmo: não se pode prever o futuro, mas ele depende das escolhas que fizermos no presente. Entre as boas escolhas, as que plantam as sementes da vida, para falar como Williams, está procurar dar continuidade ao trabalho desse grande pensador.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. “A culture in contraflow”. *English Questions*. London/New York, Verso, 1992.
- WEST, Cornel. “The Legacy of Raymond Williams”. *Social Text*, n. 30, 1992, pp. 6-8.
- WILLIAMS, Raymond. *Communications*. Harmondsworth, Penguin, 1962.
- _____. *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*. London, Fontana, 1988.
- _____. *Resources for a Journey of Hope*. London, Verso, 1989.

⁶ Williams, 1989, p. 16.